

A construção de narrativas de crimes reais no quadro *Quinta Misteriosa* no YouTube¹

Mariana Fernandes Gafaria Alves²

Viviane Gonçalves Freitas³

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Resumo

Este artigo analisa a construção narrativa do quadro *Quinta Misteriosa*, do canal de Jaqueline Guerreiro no YouTube, a partir da articulação entre jornalismo literário e o gênero *true crime*. A pesquisa examina como recursos audiovisuais e narrativos são utilizados para transformar casos reais de crimes em histórias envolventes, equilibrando informação e entretenimento. A análise de três vídeos em formato de suíte revela uma estrutura narrativa adaptada ao ambiente digital, que valoriza o impacto emocional, a construção de personagens e a constante atualização dos casos narrados.

Palavras-chave

true crime; jornalismo literário, narrativização; YouTube.

Introdução

O jornalismo literário, situado entre os domínios da objetividade jornalística e a expressividade da literatura, tem se consolidado como uma prática narrativa que busca aliar o rigor da apuração factual à sensibilidade estética e emocional própria das narrativas ficcionais. Trata-se de um campo híbrido, que desafia os limites tradicionais entre informação e arte, propondo formas alternativas de representar a realidade e suas múltiplas dimensões. Essa característica multifacetada se revela nos estudos de Lugão (2012), Borges (2018) e Santos e Silva (2024), que, a partir de perspectivas distintas, evidenciam a complexidade e a potência interpretativa dessa forma de escrita.

Segundo Lugão (2012), o chamado *New Journalism*, surgido nos Estados Unidos nas décadas de 1960 e 1970, representou uma ruptura significativa com os modelos tradicionais de reportagem, ao incorporar elementos da ficção, como o uso de cenas dramáticas, foco em personagens e linguagem literária. Para a autora, essa abordagem rompe com a fórmula da pirâmide invertida e aposta em uma narrativa que “o ‘Literário’ do Jornalismo estudado, [...] não vem apenas dos recursos estilísticos que pega emprestado da Literatura. O ‘Literário’ está também em sua função enquanto narrativa socialmente significativa” (Lugão, 2012, p. 68).

Em consonância, Borges (2018) amplia essa discussão ao propor o jornalismo literário como parâmetro teórico para a escrita de biografias e autobiografias. O autor

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 7º Semestre, do Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, e-mail: marianafgafarias@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho e professora do Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, e-mail: vivianegoncalvesfreitas@gmail.com.

defende que essa modalidade narrativa permite uma reconstrução mais complexa e interpretativa da identidade, ao integrar dados objetivos com elementos subjetivos, memórias e interpretações pessoais. Nesse processo, a vida de um indivíduo é reconstruída em múltiplas dimensões, a partir de uma narrativa que se distancia do texto meramente burocrático.

O presente trabalho tem como tema a análise da construção narrativa de crimes reais, no quadro *Quinta Misteriosa*, do canal Jaqueline Guerreiro, no YouTube. A pesquisa se concentra na investigação das técnicas narrativas e jornalísticas utilizadas para transformar histórias verídicas de crimes em conteúdos envolventes e emocionalmente impactantes, refletindo sobre como o *true crime* na plataforma se estabelece como uma forma de infotainment, ao mesclar informação e entretenimento.

O quadro *Quinta Misteriosa* se destaca por utilizar estratégias narrativas que tornam os crimes reais mais atraentes ao público, combinando recursos do jornalismo e do *storytelling* com elementos de suspense e emoção. Essa abordagem levanta discussões importantes sobre os limites éticos do gênero e o impacto que essas histórias podem causar na audiência. Diante desse contexto, o estudo propõe como problema de pesquisa a seguinte questão: de que forma a construção audiovisual do quadro *Quinta Misteriosa* narrativiza os casos criminais?

A pesquisa em tela adota uma abordagem metodológica predominantemente qualitativa e descritiva, estruturada como estudo de caso, com aplicação de análise de conteúdo e a realização de uma entrevista semiestruturada, a ser realizada com a responsável pelo canal, a jornalista Jaqueline Guerreiro. A análise de conteúdo é considerada essencial para observar a maneira como o quadro *Quinta Misteriosa* narrativiza crimes reais, seguindo a premissa de que é “uma técnica de pesquisa utilizada para investigar de forma sistemática e objetiva as características de materiais de comunicação, tais como textos, falas, postagens em redes sociais e imagens” (Maia, 2022, p. 11).

A análise de conteúdo dos vídeos será guiada por uma grade que examina as dimensões narrativa (composição diegética, construção de personagens, uso de recursos jornalísticos, arcos narrativos) e estilística (montagem, *mise-en-scène*, trilha sonora, efeitos visuais e sonoros, enquadramento, figurino, uso de imagens de arquivo). A investigação do conteúdo visual e sonoro terá como arcabouço a compreensão da

intersecção entre imagem e texto (Joly, 2012), e pela maneira como o quadro se alicerça em convenções do *storytelling* clássico, adaptadas ao ambiente digital (Bordwell, 1985).

Como técnica complementar, será utilizada a entrevista semiestruturada, buscando *insights* sobre o processo criativo e a percepção da autora sobre o impacto da narrativa no público. Conforme destacam Sanglard, Garcêz e Maia (2022), as entrevistas são valiosas para captar as interpretações e percepções dos sujeitos envolvidos no processo comunicacional, permitindo acessar elementos que não estão diretamente observáveis nos produtos midiáticos.

***True crime* e jornalismo literário**

A narrativa criminal, especialmente no gênero *true crime*, tem se configurado como um fenômeno cultural complexo que ultrapassa a simples representação de eventos violentos. Desde os primórdios da cultura impressa até as plataformas digitais contemporâneas, o crime tem sido abordado por diferentes mídias, não apenas como um acontecimento social, mas como um objeto narrativo moldado por convenções, estéticas e funções simbólicas. As narrativas que envolvem crimes reais recorrem a estratégias específicas de construção discursiva que transformam o fato em relato e, com isso, em produto cultural.

De acordo com Murley (2008, p. 2), o *true crime* “primeiro apareceu nas páginas da revista *True Crime Magazine*, [...] como uma nova maneira de narrar e compreender assassinato”. Atualmente, essa modalidade se sustenta como uma “formulação estética”, uma “poética da narração do assassinato”, sendo um gênero que “responde ao assassinato com medo irracional e fascínio envolvente” (Murley, 2008, p. 5). Embora essas histórias aleguem aderência aos fatos, a forma como são contadas — com foco em emoções, detalhes gráficos e arcos de redenção ou punição — revela sua filiação à tradição gótica, marcada pelo horror, pelo mistério e pela repetição de fórmulas narrativas.

Nesse sentido, a abordagem estrutural proposta por Genette (1980) é especialmente útil para compreender os mecanismos narrativos que sustentam tais relatos. Em sua teoria, o autor diferencia elementos essenciais, como a ordem, a duração, a frequência, a voz e a focalização, oferecendo uma metodologia sistemática para analisar como o discurso organiza o tempo dos eventos narrados. Por exemplo, a técnica do “pseudo-interativo” — em que um evento é contado como se se repetisse com

regularidade, ainda que sua descrição revele detalhes únicos — evidencia a construção ficcional embutida no relato de fatos supostamente reais. Essas manipulações, muitas vezes imperceptíveis ao público, contribuem para criar uma sensação de verossimilhança e de familiaridade com o universo narrado, facilitando o engajamento do espectador ou leitor.

Além dos aspectos formais da narrativa, é necessário considerar o contexto midiático e cultural no qual essas histórias são veiculadas. No ambiente digital contemporâneo, plataformas de vídeo sob demanda (VOD), como Netflix, contribuíram significativamente para o redesenho do gênero *true crime*. Romero Domínguez (2020, p. 14) destaca que essas narrativas se tornaram “experiências multimodais de entretenimento”, destinadas ao consumo contínuo e imediato, produzidas no formato seriado e seguindo a lógica algorítmica das plataformas. A autora observa, ainda, que, embora essas produções reivindiquem uma dimensão informativa, frequentemente recorrem a elementos sensacionalistas, estetizando a violência e transformando vítimas e criminosos em personagens dramatizados.

Ao explorar esse fenômeno, Domínguez (2020) recorre à noção de *wound culture* (cultura da ferida), conforme proposta por Seltzer (2007), para apontar o apetite contemporâneo por imagens de dor, sangue e transgressão. Para o autor, o crime deixa de ser apenas um evento perturbador e se transforma em performance midiática, moldando nossa forma de ver, sentir e entender o real. Esse consumo de narrativas violentas atende tanto a impulsos voyeurísticos quanto a funções sociais e morais, como a reafirmação de valores ou a catarse diante da ameaça difusa do crime (Domínguez, 2020). Nesse contexto, o crime é “cronificado”, isto é, entendido como parte constitutiva da sociedade e mantido em evidência constante pelas estatísticas, pelos meios de comunicação e pelo entretenimento. O crime torna-se narrativa, a narrativa torna-se espetáculo e o espetáculo apresenta-se como verdade. Nesse processo, o público é convidado não apenas a assistir a um crime, mas a interpretá-lo, a julgar seus personagens e a reafirmar os limites do que é considerado aceitável na sociedade.

Essa interpenetração de realidade e ficção também é observada por Fontoura, Helich e Figueiredo (2023), ao analisarem os episódios-piloto das duas versões da série *The Staircase*. Segundo as autoras, tanto a série documental (Netflix, 2018) quanto a ficcional (HBO, 2022) constroem “efeitos de real” por meio de estratégias narrativas

típicas do gênero policial, como o suspense, o ponto de virada e o uso de diferentes pontos de vista, que convocam o espectador a atuar como um detetive. A dúvida sobre a veracidade do crime — acidente ou assassinato? — é explorada por ambas as versões como força motriz da narrativa, revelando a potência das lacunas da realidade como matéria-prima para a criação de diferentes versões dos mesmos fatos (Fontura; Helich; Figueiredo, 2023).

A tensão entre fascínio e repulsa, já identificada por Seltzer (2007), também é central para compreender os efeitos desse gênero sobre a audiência. Segundo o autor, “a violência midiática provoca uma resposta emocional mista, na qual o medo é tão presente quanto a excitação” (Seltzer, 2007, p. 3). Essa dualidade é instrumentalizada pelas estratégias narrativas, que enfatizam o papel do espectador como um detetive simbólico, levado a investigar não apenas os eventos, mas também as versões e interpretações que deles se fazem.

O *true crime* não é apenas um gênero de entretenimento, mas sim um fenômeno cultural que atua na construção da realidade, na mediação das emoções e na percepção coletiva da violência. Nesse contexto, o jornalismo literário configura-se como uma prática híbrida, situada entre o rigor factual do jornalismo tradicional e a liberdade expressiva da literatura. Clara Cyrino Lugão (2012), em seu estudo *Jornalismo literário: a literatura do fato*, recupera a genealogia do *New Journalism* estadunidense, destacando figuras como Tom Wolfe e Gay Talese, os quais teriam rompido com a “objetividade jornalística” ao adotar estratégias narrativas oriundas do romance. Segundo a autora, esses jornalistas “rompem com a fórmula da pirâmide invertida, trazendo à tona elementos como o detalhe minucioso e o ponto de vista. As escolhas estilísticas não comprometem necessariamente a veracidade do relato, mas sim ampliam suas possibilidades de significação, conferindo à matéria jornalística uma potência estética e emocional.

No mesmo sentido, Rogério Pereira Borges (2018), em seu artigo *Escrita do si, escrita do outro: jornalismo literário como parâmetro teórico para os gêneros biográficos*, propõe uma leitura do jornalismo literário como modelo para a escrita biográfica, evidenciando seu potencial para dar conta da complexidade do sujeito retratado. Para o autor, a biografia, quando pensada a partir do viés literário-jornalístico

este gênero é uma possibilidade de se fazer jornalismo com técnicas literárias, preservando o “contrato de leitura” [...] de um produto que se propõe a fazer um relato verídico e confiável, mas sem abdicar de um texto que use elementos literários pertinentes e cabíveis em dada situação. (Borges, 2018, p. 810).

Essa aproximação entre literatura e jornalismo permite não apenas ampliar a forma, mas também aprofundar o conteúdo, sobretudo quando o objeto da narrativa é a experiência humana em sua complexidade emocional e psicológica. No caso do *true crime*, por exemplo, esse olhar ampliado torna-se essencial para representar não apenas os fatos, mas também os estados emocionais dos envolvidos — vítimas, acusados, investigadores, familiares — evidenciando como sentimentos e traços comportamentais moldam os acontecimentos e suas interpretações. Como destacam Santos e Silva (2024, p. 291), o autocontrole pode ser compreendido como “a capacidade humana de criar estratégias para lidar com emoções”, sendo possível observá-lo tanto nas ações quanto nas reações das pessoas diante de eventos traumáticos.

A estratégia narrativa em *Quinta Misteriosa*

Com o propósito de avaliar o emprego de estratégias ficcionais e jornalísticas no quadro *Quinta Misteriosa*, procedeu-se a um estudo da materialidade audiovisual, a partir de três vídeos do canal, identificados a seguir. Com amparo em discussões sobre a ficcionalização do real (Figueiredo, 2009; 2010) e os efeitos de realidade (Jost, 2004) pretendidos na elaboração destas narrativas, a análise do material empírico deu-se a partir de uma categorização, a partir da análise de conteúdo (Maia, 2022), com destaque para as dimensões estilística e narrativa (Bordwell, 1985). Dessa forma, pôde-se observar aspectos da especificidade da roteirização para ambientes digitais e suas implicações éticas dentro do campo jornalístico.

Para a análise da construção audiovisual do quadro *Quinta Misteriosa*, optou-se por três vídeos específicos do canal de Jaqueline Guerreiro: “O que aconteceu com a pequena Miss JonBenét Ramsey?”¹, “Atualização caso Natalia Grace”² e “Entenda o caso Irmãos Menendez”³. Todos os vídeos são “suítes” — do francês *suite*, isto é, série, sequência. No jargão jornalístico, o termo designa a reportagem que explora os desdobramentos de um fato que foi notícia na edição anterior, de acordo com o Manual

¹JonBenét Ramsey, de 6 anos, foi encontrada morta no porão de sua casa em 1996, no Colorado. A do crime e a cobertura midiática intensa alimentaram teorias, mas o assassinato segue sem solução. O vídeo é de 2 de dez. de 2024.

²Natalia Grace, adotada por uma família nos EUA em 2010, foi acusada de ser uma adulta com nanismo fingindo ser criança. O caso gerou confusão jurídica, abandono e disputas sobre sua verdadeira idade. O vídeo é de 24 de abr. de 2025.

³Lyle e Erik Menendez mataram os pais a tiros em 1989, em Beverly Hills. Alegaram anos de abuso sexual e emocional, mas foram condenados à prisão perpétua sem direito à liberdade condicional. O vídeo é de 10 de out. de 2024.

de Produção da Folha de S. Paulo (1996), ou seja, são vídeos que têm origem em outros divulgados anteriormente, sendo mais curtos e produzidos para o mesmo quadro.

Todos os vídeos têm duração superior a uma hora, o que desafia uma lógica contemporânea de consumo rápido de conteúdo, especialmente em plataformas como o YouTube. Ainda assim, cada um ultrapassa a marca de 250 mil visualizações (até o dia 10/06/2025, às 15h26), o que demonstra a capacidade de engajamento da narrativa construída pela criadora de conteúdo. A construção audiovisual nos vídeos de *Quinta Misteriosa* utiliza elementos do jornalismo narrativo, como a atenção ao detalhe, o ritmo, o uso de suspense, a construção de personagem e a imersão emocional, o que os torna envolventes mesmo com tempo estendido.

A análise da imagem (Joly, 2012) toma por base o entendimento de que o composto imagem/texto é dotado de significação a partir da interseção de aspectos socioculturais. Assim, interessa-nos refletir quanto à adoção de procedimentos estilísticos e narrativos para dar visualização a enredos sustentados na ótica do *true crime*. Por fim, o debate levantado por este trabalho permite ponderar que a estrutura narrativa de *Quinta Misteriosa* se alicerça em convenções do *storytelling* clássico, adaptadas para o ambiente digital. Segundo Bordwell (1985), a narrativa cinematográfica tradicional é guiada por princípios como causalidade, espaço e tempo contínuos, e personagens com objetivos claros. No caso do quadro analisado, identificamos uma adaptação dessas diretrizes, na qual a condução da apresentadora, a organização sequencial dos fatos e os recursos audiovisuais desempenham um papel essencial na construção da experiência do espectador.

No que tange à estilística audiovisual, Bordwell (1985) ressalta que escolhas como montagem, ritmo e *mise-en-scène* impactam diretamente a recepção do público. *Quinta Misteriosa* adota uma abordagem que equilibra cortes dinâmicos, transições sutis e trilhas sonoras discretas, garantindo uma cadência condizente com a sobriedade necessária ao tema abordado.

Os vídeos representam um movimento de continuidade narrativa dentro da proposta do canal de Jacqueline Guerreiro. A escolha por regravar casos abordados em vídeos mais antigos, à luz de novas informações ou atualizações relevantes, revela um esforço consciente da jornalista e criadora de conteúdo em manter a narrativa em

constante atualização, sem abandonar os princípios estruturais que consolidaram a identidade do programa.

Nos três vídeos analisados, observa-se um equilíbrio entre oralidade e visualidade, sem rupturas bruscas de câmera ou movimentos que desviem o foco da narração. O enquadramento permanece fixo e próximo, centrado na figura de Jaqueline Guerreiro, que atua como narradora dos acontecimentos.

A narrativa é conduzida com forte amparo na estrutura cronológica, mas o que se destaca nesses vídeos em formato de suíte é a reconfiguração das histórias já conhecidas, com a introdução de múltiplos arcos narrativos. No caso de JonBenét Ramsey, por exemplo, a nova versão do vídeo explora não apenas os acontecimentos do crime e as teorias que o cercam, mas também traz detalhes que vieram à público anos depois, oferecendo uma camada extra à construção do caso. Já o vídeo sobre Natalia Grace aprofunda o debate sobre identidade, adoção e abuso, temas que só se tornaram mais claros após a repercussão midiática e o lançamento de documentários que reabriram a discussão pública. O caso dos Irmãos Menendez, por sua vez, é revisitado à luz de novas interpretações e debates sociais sobre violência doméstica, justiça e reavaliação de sentenças judiciais — temas que permitem que a narrativa ganhe nuances que antes não estavam presentes.

Outro elemento notável nesses vídeos é o aprofundamento dos personagens. Vítimas, acusados, familiares e até investigadores são inseridos como figuras com histórias próprias, e não apenas como peças de um enredo criminal. A trajetória de vida de cada um, especialmente da vítima ou dos acusados, é resgatada desde a infância, o que permite ao espectador acompanhar a evolução dos acontecimentos com uma visão mais empática e complexa.

A pesquisa também revela maior aprofundamento. Além de notícias e reportagens, Jaqueline Guerreiro passa a citar documentários, entrevistas exclusivas, arquivos legais e depoimentos. Vídeos, áudios ou imagens de arquivo também são utilizados para endossar o que está sendo dito, o que enriquece a narrativa e mostra um compromisso crescente com a credibilidade das informações, mesmo em uma plataforma marcada pelo entretenimento. Como afirma Dejavite (2006, p. 62), o conteúdo editorial é algo que une “informação e diversão ao leitor e, ao mesmo tempo, constitui uma prestação de serviço”, o que se encaixa de maneira precisa no tipo de conteúdo oferecido pelo quadro *Quinta*

Misteriosa. Os vídeos atualizados em formato de suíte não apenas oferecem mais informações sobre casos não solucionados ou polêmicos, mas também revelam uma maturação da linguagem narrativa do quadro.

Considerações Finais

A análise da construção narrativa do quadro *Quinta Misteriosa* revela como os princípios do *storytelling* clássico, conforme discutidos por Bordwell (1985), são apropriados, expandidos e ressignificados para o ambiente digital, especialmente no contexto do YouTube e do gênero *true crime*. Além disso, fica evidente que o *true crime* no ambiente digital é um gênero em constante transformação, que se adapta não apenas às demandas da plataforma e ao estilo da narradora, como à relevância dos casos e ao interesse contínuo do público. A escolha de quais histórias contar — e, mais ainda, quais recontar — passa a ser determinada por fatores como o impacto emocional gerado, a repercussão midiática e a presença de novos desdobramentos que reacendem o mistério em torno dos crimes.

Essa lógica faz com que a narrativa deixe de ser fixa ou definitiva. Em vez de um ponto final, cada episódio se torna parte de um processo contínuo de reconstrução. Casos como o de JonBenét Ramsey ou Natalia Grace, que retornam em episódios mais recentes com atualizações, mostram que a linearidade tradicional dá lugar a um modelo narrativo que se ramifica e se retroalimenta, conforme surgem novos dados e leituras. O mistério não se esgota, mas se renova. Ao mesmo tempo, a sensibilidade com que essas histórias são contadas, com atenção ao impacto humano dos crimes, reforça a centralidade do emocional na construção do vínculo com o público.

Em suma, o *Quinta Misteriosa* se estabelece com uma estratégia narrativa que não busca apenas contar casos criminais, mas construir com eles uma experiência emocional e investigativa contínua. À medida que os episódios ganham novas nuances junto com os casos que narram, o quadro reafirma o potencial do *true crime* como gênero narrativo capaz de informar, emocionar e manter viva a tensão do desconhecido — mesmo quando os fatos já parecem resolvidos.

Referências

BORDWELL, David. *Narration in the fiction film*. Madison: The University of Wisconsin. Press, 1985

BORGES, Rogério Pereira. Escrita do si, escrita do outro: jornalismo literário como parâmetro teórico para os gêneros biográficos. *Revista Líbero*, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 1-10, 2011.

DEJAVITE, Fabia Angélica. *INFOtenimento: informação + entretenimento no jornalismo*. São Paulo, SP: Paulinas, 2006.

DOMÍNGUEZ, Ana Romero. *True Crime y nuevas narrativas de no ficción*. Madrid: Fragua, 2020.

FONTOURA, Mariana; HELICH, Laryssa; FIGUEIREDO, Bruna. O efeito de real em duas versões de uma mesma história: uma análise comparativa da série documental e da ficcional de *The Staircase*. *Revista Interin*, v. 28, n. 1, p. 94-115, 2023.

GENETTE, Gérard. *Narrative discourse: an essay in method*. Tradução de Jane E. Lewin. Prefácio de Jonathan Culler. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1980.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. São Paulo: Papirus, 2012.

JOST, François. *A narrativa cinematográfica*. São Paulo: Papirus, 2004.

LUGÃO, Clara Cyrino. *Jornalismo literário: a literatura do fato*. São Paulo: Summus, 2006.

MAIA, Rousiley C. M. (org.). *Métodos de pesquisa em comunicação política*. Salvador: EDUFBA, 2022

MURLEY, Jean. *The Rise of True Crime: 20th-century murder and American popular culture*. Westport: Praeger, 2008.

RUSH, Chandler. True Crime Media Consumption and Generalized Anxiety Disorder. *The Journal of Popular Culture*, v. 55, n. 3, p. 588–606, 2022.

SANTOS, Rosemary Conceição dos; SILVA, José Aparecido Da. O processo psicológico básico emoção na configuração de personagens literários. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 27, n. 2, p. 287–305, maio/ago. 2024.

SELTZER, Mark. *True Crime: Observations on Violence and Modernity*. New York: Routledge, 2007.